

A VEGETAÇÃO DE CERRADO DO MORRO-DO-FROTA, MUNICÍPIO DE PIRENÓPOLIS, ESTADO DE GOIÁS: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA DAS ESPÉCIES.

Josafá Carlos de Siqueira SJ*

ABSTRACT

This work is the result of a study we carried out in the region called Morro-do-Frota situated in Pirenópolis, a little town of the State of Goiás, Brazil.

The mountain has a surface of 484.000m², a height of 950m. and a cerrado type of vegetation. The flora is more strongly developed at the foot of the mountain, gradually rarefying along the slopes up to the top. The soil is characterized by a zonal type of laterite and sandy laterite and the metamorphic outcrops are another feature sufficiently apparent in the mountain. We laid a special emphasis on the distribution and taxonomic position of the botanic species existing there. We also made a short study of the fisiographic aspect of the region and comments of the species which are used for human consumption as food and popular medicine.

RESUMO

O presente trabalho foi realizado na área do Morro-do-Frota, município de Pirenópolis, estado de Goiás.

O Morro possui uma extensão de 484.000m², com uma altitude de 950 metros, cuja vegetação predominante é o cerrado. A cobertura florística é mais acentuada na baixada da elevação e mais degradada nas pendentes e topo do morro. O solo é do tipo zonal laterítico e laterítico arenoso. Os afloramentos metamórficos são bastante característicos na área estudada. Deu-se

* Pesquisador do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS e do Herbarium Friburguense de Nova Friburgo, RJ. Prof. PUC-RIO, RJ. Bolsista do CNPq.

ênfase ao levantamento florístico e à importância econômica das espécies do cerrado. Foram abordados aspectos fisiográficos e o comportamento da vegetação em relação à pluviosidade.

INTRODUÇÃO

A flora do município de Pirenópolis, estado de Goiás, é formada por vários tipos de vegetação, tanto campestre como florestal. No entanto, são os cerrados, campos rupestres e as matas de galerias as formações vegetais mais freqüentes no município. Alguns naturalistas do século passado coletaram e descreveram várias espécies que ali ocorrem, sobretudo SAINT-HILAIRE (1819) e POHL (1823). No atual século, muitos botânicos coletaram em diferentes áreas do município, cujo material se encontra conservado nos acervos de diversos herbários do Brasil e do exterior. Algumas instituições de botânica como a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual de Campinas realizaram coletas mais freqüentes na localidade da Serra dos Pireneus, situada a 18Km. da cidade de Pirenópolis.

Pelo fato de Pirenópolis ser circundada principalmente pela vegetação de cerrado e a mesma exercer um papel importante na vida social do município, torna-se cada vez mais necessário o conhecimento florístico e fisiográfico desta formação vegetal. Escolhemos inicialmente para o levantamento da flora a região do Morro-do-Frota. O objetivo do trabalho é apresentar os aspectos fisiográficos e florísticos do cerrado desta área, enfatizando a importância desta vegetação e seu potencial de plantas medicinais e espécies frutíferas.

MATERIAL E MÉTODO

O método empregado no levantamento das espécies foi o de coletas periódicas no cerrado do Morro-do-Frota, num período de 24 meses. As plantas coletadas, depois de desidratadas, foram identificadas em nível de família e gênero, sendo a maioria colocada em nível de espécie. Para tanto contou-se com bibliografia especializada. Parte das espécies coletadas estão nos acervos do Herbarium Friburgense (FCAB). Os materiais utilizados nas coletas e documentação foram: pranchas de secagem, podão, sacos plásticos, bússola, altímetro e máquina fotográfica. As amostras de minerais e solos foram coletadas e identificadas por especialistas.

DESCRÍÇÃO DA ÁREA DO MORRO-DO-FROTA

SAINT-HILAIRE (1819) descreveu o Morro-do-Frota como sendo um dos mais elevados com relação aos montes vizinhos, encontrando-se a meia-légua da povoação de Meiaponte (atual Pirenópolis), sendo que o horizonte se limita ao norte pela cadeia pouco elevada que continua os Montes Pireneus, no meio da qual se distingue o cume arredondado do Frota.

Na verdade, o Morro-do-Frota comprehende vários montes pequenos, ao norte da cidade de Pirenópolis, prolongando-se no sentido oeste. O cume mais elevado possui uma altitude de 950 metros. O morro é uma pendente íngreme com afloramentos metamórficos, em quase todo seu percurso coberto pela vegetação de cerrado, permeada por pequenas matas de galerias. Na sua vertente norte é bastante íngreme, mas nas vertentes sul e oeste é pouco acidentado, onde continua por uma série de mar de morros (Fig. 1).

O cerrado, cobertura vegetal predominante na área, apresenta-se bastante degradado nas partes mais elevadas pelas contínuas queimadas. A vegetação é constituída por dois estratos florísticos. O primeiro formado de espécies arbóreo-arbustivas que atingem na maioria de 2 a 4 metros, com raras exceções acima de 5 metros. O segundo estrato é formado por espécies subarbustivo-herbáceas. As espécies arbóreas mais frequentes na área são *Hymenaea stigonocarpa* Mart. (Fig. 2), *Palicourea rigida* H.B.K., *Byrsonima crassifolia* (L.) H.B.K., *Byrsonima verbascifolia* (L.) Rich., *Hymatanthus obovata* (M.Arg.) Woods., *Curatela americana* L., *Piptocarpha rotundifolia* (Less.) Baker (Fig. 3), *Erythroxylum tortuosum* Mart., *Dimorphandra mollis* Benth. (Fig. 4), *Qualea grandiflora* Mart., *Qualea parviflora* Mart., *Caryocar brasiliense* Camb. (Fig. 5) e algumas espécies de *Myrcia* spp. A espécie arbórea de menor freqüência na área foi *Cybianthus boissieri* Alphi DC. Dentre as subarbustivo-herbáceas são abundantes *Allamanda angustifolia* Pohl. (Fig. 6), *Mandevilla velutina* (Mart. & Staden) R.E. Woodson, *Memora nodosa* Mers., *Aspilia elliptica* Baker, *Eupatorium amygdalinum* Lam., *Vernonia herbacea* (Vell.) Rusby, *Merremia tomentosa* (Choisy) Hallier, *Dalechampia humilis* Muell. Arg., *Echinolaena inflexa* (Poir) Chase, *Camarea affinis* St.Hil., *Pavonia malacophylla* Garcke, *Oxalis hirsutissima* Mart. et Zucc., *Amazonia hirta* Benth., *Sabiccea cana* Hook. e *Cissus scabra* Baker.



Fig. 1 — Aspecto geral da vegetação de cerrado do Morro-do-Frota. No fundo, uma série de mar de morros.



Fig. 2 — *Hymenaea stigonocarpa* Mart. (jatobá)
Ramo com folhas e fruto.

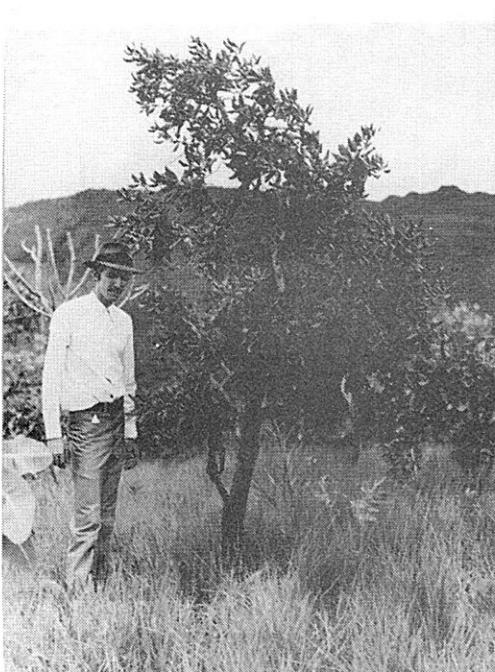


Fig. 3 — *Piptocarpha rotundifolia* (Less.) Baker
Aspecto geral da planta.



Fig. 4 — *Dimorphandra mollis* Benth.
Aspecto geral da planta.



Fig. 5 — *Caryocar brasiliense* Camb. (piqui)
Ramos com frutos.



Fig. 6 — *Allamanda angustifolia* Pohl
Aspecto geral da planta.

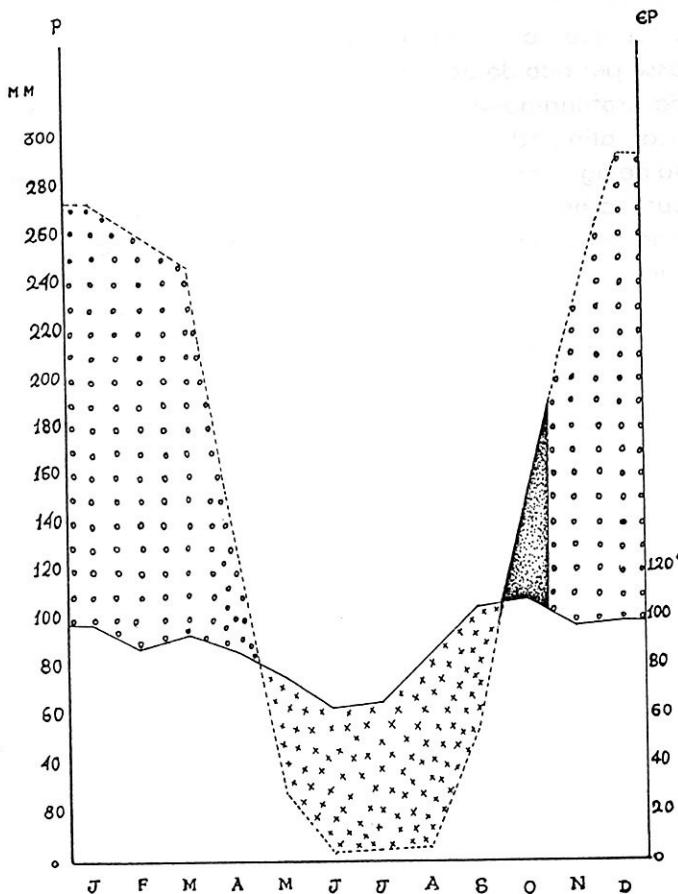
Pelos dados da estação meteorológica de Pirenópolis, localizada a 15°51' de latitude sul e 48°58' de longitude oeste, confeccionamos um gráfico do balanço hidrológico, do qual podemos dizer que o cerrado desta região tem uma marcada estação seca que se inicia no mês de abril, quando a curva de precipitação cai abruptamente e a curva de EP (Evapotranspiração Potencial) ultrapassa a curva de P (Precipitação), acentuando-se o período de secura ou estiagem que atinge os meses de abril, maio, junho, julho, agosto e parte de setembro (Fig. 7). No próprio local observa-se que não há emurchecimento das folhas na maioria das espécies, nesse período de déficit de umidade, o que deve ser uma consequência da profundidade do sistema subterrâneo que se estende no sentido vertical, atingindo profundidades maiores em busca de humidade ou mesmo de água do lençol freático. No período acima descrito o estrato subarbustivo-herbáceo perde as partes aéreas. Algumas espécies arbustivas e arbóreas perdem suas folhas, permanecendo os ramos desnudos. Nos meses de outubro, novembro e dezembro, a curva de precipitação sobe, havendo reposição, sendo que nos meses de janeiro, fevereiro e março há excesso de água e a reconstituição total dos estratos arbóreo-arbustivo e subarbustivo-herbáceo.

Geologicamente o Morro-do-Frota faz parte dos terrenos mais antigos do Planalto Central Brasileiro, do período Pré-Cambriano. A área é formada praticamente de Micaxisto granítifero com veios de quartzo, leitos fraturados e alterados superficialmente. Nas partes mais elevadas o solo é do tipo zonal, pedalfers, laterítico-arenoso. Nas baixadas do morro o solo é zonal, pedalfers, laterítico (FLEURY, 1975).

Fig. 7 -

GRÁFICO DE BALANÇO HIDROLÓGICO

Pirenópolis-Go.
Lat. $15^{\circ} 51'$
Long. $48^{\circ} 58'$



- [Open circle] Excesso
- [Cross] Deficit
- [Black square] Reposição

Precipitação
— EP

ESPÉCIES FRUTÍFERAS E MEDICINAIS DO CERRADO DO MORRO-DO-FROTA

Nos cerrados brasileiros são encontradas cerca de 34 espécies que produzem frutos com potencial alimentício, empregados no fabrico de doces, geléias, licores, refrescos e sorvetes. São frutos, na sua maioria, ricos em vitaminas, sobretudo dos complexos C e A, além de proteínas e lipídios. No entanto, tais frutos não são comercializados pelo fato de serem geralmente pequenos e facilmente perecíveis, dificultando o transporte e o armazenamento. Mesmo assim as populações de pequenas e médias cidades do interior do Brasil têm feito uso dos frutos nativos ao longo de nossa história. Este fato pode ser observado no município de Pirenópolis, estado de Goiás, onde os frutos do cerrado são muito apreciados pela comunidade local. Na área do Morro-do-Frota encontramos 13 espécies de frutos comestíveis. São eles: *Hancornia speciosa* Gomez (mangaba) utilizados na alimentação e doces; *Caryocar brasiliense* Camb. (piqui) apreciados na alimentação e licores; *Byrsonima* spp (muriçi) com 4 espécies utilizadas em licores; *Campomanesia* spp (gabiroba) com 2 espécies empregadas na alimentação; *Annona crassifolia* Mart. (araticum-cerrado) com saborosas pinhas alimentícias; *Brosimum gaudichaudii* Tréc. (cerinha) que são pequenos frutos amarelados apreciados pelas crianças e, finalmente, *Dypteryx alata* Vog. (barú) e *Hymenaea stigonocarpa* Mart. (jatobá) que são pouco utilizados na alimentação pela comunidade local.

Além dos frutos comestíveis os cerrados brasileiros apresentam uma riqueza de espécies utilizadas na medicina popular. SIQUEIRA (1988) mostrou que 80 espécies são comumente empregadas na cura de diversas doenças. Muitas ainda não foram fitoquimicamente estudadas. Infelizmente é lamentável saber que várias espécies estão desaparecendo, principalmente na região Centro-Oeste, em consequência de grandes projetos em áreas de cerrados, destruindo de maneira irracional esta formação vegetal. No estado de Goiás, por possuir a maior área de cerrados do Brasil, o uso de plantas medicinais ainda é considerável, sobretudo nas pequenas cidades do interior. No município de Pirenópolis o uso destas plantas faz parte do dia-dia da comunidade, embora tenha diminuído nos últimos anos. Na área do Morro-do-Frota encontramos 39 espécies medicinais. As espécies mais utilizadas são as antifebríguas, diuréticas, antidiarréicas e emolientes.

Segue-se a relação das espécies coletadas na área com seus respectivos nomes científicos, vulgares e usos.

<i>Miconia albicans</i> (Sw) Tr.	folha-branca	auxilia a digestão
<i>Gomphrena arborescens</i>		
L.f	paratudo-erva	antifebrífuga
<i>Xylopia aromaticá</i> (Lam.) Mart.	pimenta-de-macaco	combate gases intestinais
<i>Annona crassifolia</i> Mart.	araticum-cerrado	combate diarréias
<i>Anacardium amilcarianum</i>		
O.Mach.	caju-cerrado	antidiarréica
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	mangaba	casca combate dermatoses
<i>Anemopaegma arvense</i>		
(Vell.) Stel.	catuaba	afrodisíaca
<i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur.	ipê-amarelo	casca, diurética
<i>Zeyhera digitalis</i> (Vell.) Hoehne	bolsa-de-pastor	anti-sifilítica
<i>Kielmeyera coriacea</i> (Spr.) Mart.	pau-santo	folhas, emolientes
<i>Caryocar brasiliense</i>	piqui	polpa, gripes e resfriados
Camb.		
<i>Cochlospermum regium</i>		
Pilg.	algodão-bravo	purgante
<i>Eupatorium amygdalinum</i>		
Lam.	mata-pasto	folhas, emolientes
<i>Eupatorium dictyophyllum</i>		
DC.	mata-pasto	folhas, emolientes
<i>Piptocarpha rotundifolia</i>		
(Less.) Baker	paratudo-árvore	anti-sifilítica
<i>Vernonia elegans</i> Gardn.	moleque	folhas, digestão
<i>Curatella americana</i> L.	lixeira	cicatrizante
<i>Davilla elliptica</i> St.Hil.	cipó-caboclo	combate inchamentos
<i>Erythroxylum tortuosum</i>		
Mart.	mercureiro	casca, adstringente
<i>Casearia silvestris</i> Sw.	erva-de-bugre	anti-sifilítica, depurativa
<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.	capim-gordura	raízes, diuréticas
<i>Hyptis cana</i> Pohl	hortelã-campo	folhas, antifebrífugas
<i>Hymenaea stigonocarpa</i>		
Mart.	jatobá-cerrado	seiva, bronquites
<i>Copaifera langsdorfii</i>		
Desf.	pau-óleo, copaiba	óleo, bronquites

<i>Andira vermifuga</i> Mart.	mata-barata	anti-helmíntica
<i>Bowdichia virgilioides</i> HBK.	sucupira-preta	antifebrífuga
<i>Dipteryx alata</i> Vog.	barú	anti-reumática
<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	sucupira-branca	sementes, garganta
<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vog.) Yakov.	perobinha	folhas, diurética
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc.	mamacadela, cerinha vitiligo	
<i>Campomanesia cambedesseeana</i> Ber.	gabiroba	antidiarréica
<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. et Zucc.	azedinha-campo	garganta
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) Schum.	douradinha	diurética
<i>Rudgea viburnioides</i> (Cham.) Benth.	congonha-de-gentil	afecções bexiga
<i>Simarouba versicolor</i> St.Hil.	paraíba	antifebrífuga
<i>Helicteres ovata</i> Lam.	sacarolha	emoliente
<i>Waltheria communis</i> St.Hil.	douradinha-campo	diurética
<i>Cissus scabra</i> Baker	uva-brava	verrugas
<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	pau-terra	cicatrizante

LISTA DAS FAMÍLIAS, GÊNEROS E ESPÉCIES COLETADAS NO MORRO-DO-FROTA

Acanthaceae	<i>Ruellia tomentosa</i> (Nees) Lindan <i>Ruellia nitens</i> Nees <i>Ruellia</i> sp <i>Lophostachys</i> sp
Amaranthaceae	<i>Gomphrena arborescens</i> L.f. <i>Gomphrena lanigera</i> Pohl ex Moq.
Annonaceae	<i>Annona crassifolia</i> Mart. <i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.
Anacardiaceae	<i>Anacardium amilcarianum</i> O. Machado <i>Anacardium humile</i> St.Hil.

Apocynaceae	<i>Allamanda angustifolia</i> Pohl <i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart. <i>Aspidosperma dasycarpum</i> DC. <i>Hancornia speciosa</i> Gomez <i>Hymatanthus obovata</i> (M.Arg.)Woods. <i>Mandevilla velutina</i> (Mart. & Staden) R.E.Woods. <i>Rhodocalix rotundifolius</i> M.Arg.
Asclepiadaceae	<i>Tassadia burchellii</i> (Dne) Burchell.
Araliaceae	<i>Didymopanax vinosum</i> (Cham. et Schl.) March.
Bignoniaceae	<i>Memora nodosa</i> Mers. <i>Cremastus pulcher</i> (Cham.) Bur. <i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stell. <i>Tabebuia caraiba</i> (Mart.) Bur. <i>Zeyhera digitalis</i> (Vell.) Hoehne
Bromeliaceae	<i>Dickia</i> sp
Campanulaceae	<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.
Chrysobalanaceae	<i>Hyrtella grandulosa</i> Mart. et Zucc.
Cochlospermaceae	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. et Zucc.) Pilg.
Compositae	<i>Ageratum conyzoides</i> L. <i>Acanthospermum australe</i> (L.) O.K. <i>Aspilia elliptica</i> Baker <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. <i>Baccharis</i> sp <i>Conyza</i> sp <i>Dimerostemma rotundifolium</i> Blake <i>Eremanthus goyazensis</i> Sch. Bip. <i>Eremanthus sphaerocephalus</i> (DC) Baker <i>Erechthites inulaefolia</i> <i>Eupatorium dictiophyllum</i> DC. <i>Eupatorium amigdalimum</i> Lam. <i>Eupatorium odoratum</i> L. <i>Eupatorium</i> sp <i>Glaziovianthus purpurens</i> G.M. Barroso <i>Ichthyothere terminalis</i> (Spreng.) Malme <i>Mikania microcephala</i> DC. <i>Mikania</i> sp

	<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less.) Baker
	<i>Riencourtia oblongifolia</i> Gardn.
	<i>Vernonia fruticosa</i> Mart.
	<i>Vernonia elegans</i> Gardn.
	<i>Vernonia ferruginea</i> Less.
	<i>Vernonia herbacea</i> (Vell.) Rusby
	<i>Vernonia simplex</i> Less.
	<i>Vernonia brevifolia</i> Less.
	<i>Vernonia dura</i> Mart.
	<i>Vernonia holosericea</i> Mart.
	<i>Viguiera radula</i> Baker
Connaraceae	<i>Connarus suberosus</i> Planch.
Convolvulaceae	<i>Evolvulus</i> sp <i>Merremia tomentosa</i> (Choisy) Hallier
Cyperaceae	<i>Bulbostylis paradoxa</i> C.B.Clark. <i>Cyperus</i> sp <i>Dicrimenia</i> sp <i>Scleria</i> sp
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L. <i>Davilla elliptica</i> St.Hil.
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea</i> sp
Eriocaulaceae	<i>Paephalanthus</i> sp
Ebenaceae	<i>Diospyrus</i> sp
Euphorbiaceae	<i>Bernardia</i> sp <i>Croton pohlianus</i> Muell. Arg. <i>Croton</i> spp <i>Dalechampia humilis</i> Muell.Arg. <i>Manihot</i> sp <i>Sebastiania</i> sp
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum suberosum</i> St.Hil. <i>Erythroxylum tortuosum</i> Mart.
Flacourtiaceae	<i>Casearia silvestris</i> Sw.
Gentianaceae	<i>Deianira chiquitana</i> Herzog. <i>Deianira nervosa</i> Cham. et Schlecht. <i>Deianira pallescens</i> Cham. et Schlecht.
Gesneriaceae	<i>Lysianthus</i> sp
Gramineae	<i>Echinolaena inflexa</i> (Poir) Chase

	<i>Panicum sericatum</i> Chase
	<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.
	<i>Setaria geniculata</i> (Lam.) Beauv.
Guttiferae	<i>Kielmeyera coriacea</i> (Spr.) Mart.
	<i>Kielmeyera rubriflora</i> Camb.
Icacinaceae	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers.
Labiatae	<i>Hyptis reticulata</i> Mart.
	<i>Hyptis cana</i> Pohl
	<i>Hyptis</i> sp
Leguminosae	<i>Bauhinia nitida</i> Benth.
Caesalpiniaceae	<i>Cassia dalbergiifolia</i> Benth.
	<i>Cassia conferta</i> Benth,
	<i>Cassia setosa</i> Vog.
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.
	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.
	<i>Sclerobium aureum</i> (Tul.) Benth.
Leguminosae	<i>Acosmium dasycarpum</i> (Vog.) Yak.
Fabaceae	<i>Aeschynomene</i> sp
	<i>Andira vermiculata</i> Mart.
	<i>Bowdichia virgiliooides</i> H.B.K.
	<i>Clitoria guianensis</i> Benth.
	<i>Desmodium</i> sp
	<i>Eriosema</i> sp
	<i>Harpalyce brasiliiana</i> Benth.
	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.
	<i>Platypodium elegans</i> Vog.
	<i>Tipuana speciosa</i> Benth.
Leguminosae	<i>Mimosa densa</i> Benth.
Mimosaceae	<i>Mimosa clausenii</i> Benth.
	<i>Mimosa pteridifolia</i> Benth.
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.
Lythraceae	<i>Cuphea</i> spp
	<i>Diplusodon speciosus</i> (HBK) DC.
	<i>Diplusodon virgatus</i> Pohl
	<i>Diplusodon strigosus</i> Pohl
	<i>Lafoensis pacari</i> St. Hil.

Loganiaceae	<i>Antonia ovata</i> Pohl <i>Spigelia schlechtendaliana</i> Mart.
Malpighiaceae	<i>Banisteria stellaris</i> Griseb. <i>Banisteria</i> sp <i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Rich. <i>Byrsonima cocolobaefolia</i> Kunth. <i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich. <i>Byrsonima</i> sp <i>Camarea affinis</i> St. Hil. <i>Peixotoa hirta</i> Mart. <i>Pterandra pyroidea</i> Juss.
Malvaceae	<i>Pavonia malacophylla</i> Garcke <i>Pavonia speciosa</i> H.B.K.
Melastomataceae	<i>Clidemia</i> sp <i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana <i>Tibouchina stenocarpa</i> (DC.) Cogn. <i>Tibouchina</i> sp <i>Tococa formicaria</i> Mart.
Menispermaceae	<i>Cissampelos ovalifolia</i> DC.
Moraceae	<i>Dorstenia</i> spp <i>Cecropia</i> sp <i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc
Monimiaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Eichl.
Myristicaceae	<i>Virola sebifera</i> Aubl.
Myrsinaceae	<i>Cibyanthus boissieri</i> Alphi. DC. <i>Rapanea guianensis</i> Aubl.
Myrtaceae	<i>Campomanesia cambedesseana</i> Berg. <i>Campomanesia pubescens</i> Berg. <i>Myrcia tomentosa</i> DC. <i>Myrcia</i> spp
Nyctaginaceae	<i>Neea theifera</i> Oerst.
Ochnaceae	<i>Ouratea floribunda</i> (St.Hil) Engl. <i>Ouratea castaneifolia</i> Engl.
Oxalidaceae	<i>Oxalis hirsutissima</i> Mart. et Zucc.
Palmae	<i>Syagrus petraea</i> (Mart.) Becc.
Polygalaceae	<i>Polygala glabra</i> A.W. Bennet.
Polypodiaceae	<i>Adiantum</i> sp

Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.
Rubiaceae	<i>Alibertia</i> sp <i>Cephaelis</i> sp <i>Diclieuxia foliosa</i> DC. <i>Diodia</i> sp <i>Guettarda viburnioides</i> Cham. et Schl. <i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) Schum. <i>Palicourea rigida</i> H.B.K. <i>Sabiccea cana</i> Hook. <i>Sipania pratensis</i> Aubl. <i>Tocoyena formosa</i> (Cham. et Schum.) K. Sch.
Sapindaceae	<i>Magonia pubescens</i> St. Hil. <i>Serjania gracilis</i> Radlk. <i>Serjania</i> sp
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.
Scrophulariaceae	<i>Esterhazyia splendida</i> Micamik.
Simaroubaceae	<i>Simarouba versicolor</i> St. Hil
Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil.
Sterculiaceae	<i>Ayenia angustifolia</i> St. Hil. et Naud. <i>Helicteres ovata</i> Lam. <i>Waltheria communis</i> St. Hil
Styracaceae	<i>Styrax ferrugineus</i> Nees & Mart.
Tiliaceae	<i>Luehea speciosa</i> Willd.
Velloziaceae	<i>Vellozia crassicaulis</i> Mart. et Schult. <i>Vellozia</i> sp
Verbenaceae	<i>Amazonia hirta</i> Benth. <i>Aegiphila sellowiana</i> Cham. <i>Lippia rotundifolia</i> Cham. et Schlt.
Vitaceae	<i>Cissus scabra</i> Baker
Vochysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart. <i>Qualea parviflora</i> Mart. <i>Qualea multiflora</i> Mart. <i>Salvertia convallariodora</i> St. Hil. <i>Vochysia tucanorum</i> (Spr.) Mart.

CONCLUSÃO

- Das 220 plantas coletadas na área do Morro-do-Frota há uma predominância das espécies arbóreas.
- As famílias com maior número de espécies são Compositae, Leguminosae, Rubiaceae, Malpighiaceae, respectivamente.
- *Allamanda angustifolia* Pohl, espécie símbolo da Flora de Pirenópolis, GO, só foi encontrada na área em altitude acima de 750 metros. É a espécie com maior número de indivíduos na área estudada.
- O revestimento graminoso é mais acentuado na pendente norte e cume do morro, sobretudo porque a vegetação arbórea e arbustiva apresenta-se bastante degradada em consequência de contínuas queimadas.
- Faz-se necessária a preservação da área em questão, principalmente pelo potencial de espécies vegetais, frutíferas e medicinais, que estão associadas à vida cotidiana da comunidade local.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARROSO, G. M. **Sistemática de Angiospermas do Brasil.** LTC/EDUSP, V.I, 1978.
- _____. **Sistemática de Angiospermas do Brasil.** I.U.U.V. — MG, V. III, 1986.
- FERRI, M. G. **Plantas do Brasil — Espécies do Cerrado.** SP, Edgard Blucher, 1969.
- FLEURY, J.M. **Os solos tropicais da região Centro-Oeste.** Goiânia, Oriental, 1975.
- HILAIRE, A. de Saint. **Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás.** SP, Nacional, 1944.
- MARTIUS, C.F.P. von **Flora Brasiliensis.** Monachii, VV.VV., 1875.
- RIZZO, J.A. & PEIXOTO, A.B.F. Plano de coleção da Flora do Município de Goiânia. **Rev. Goiana Medicina.** 19: 37-61, 1973.
- SIQUEIRA, J.C. de. **Utilização Popular das plantas do cerrado.** SP, Loyola, 1981.
- _____. **Plantas Medicinais.** SP, Loyola, 1988.